

NARRATIVAS DE PESCADORES ARTESANAIS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA PESCA DE PEIXES ESTUARINOS DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS, BAHIA

Amon Rigel Goes **SILVA**¹; Eraldo Medeiros **Costa-Neto**²

¹Mestre em Zoologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, Brasil. E-mail: amon.rigel@hotmail.com.

²Professor do Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, Brasil. E-mail: eraldont@uefs.com.

<http://doi.org/10.29327/ouricuri.v8.i2.a5>

Resumo: A inserção das tecnologias de pesca e o desenvolvimento socioeconômico podem transformar a cultura de pesca das comunidades tradicionais ao longo dos anos. Este estudo registra como uma comunidade de pescadores da Baía de Todos os Santos, na Bahia, responderam ao progresso do desenvolvimento e às mudanças tecnológicas inseridas na atividade pesqueira. Os dados foram obtidos com entrevistas abertas e semiestruturadas com pescadores entre 35 e 93 anos, de outubro de 2015 a maio de 2017. Os pescadores de Jiribatuba tiveram restrições dos seus territórios de pesca, causados pelos aterros para construção de estradas, nos canais que davam acesso aos pesqueiros. As mudanças ocorridas ao longo dos séculos nos materiais de pesca, na inserção de apetrechos e inclusão de motores nas canoas de madeira, vêm suprindo esses pescadores, de meios para superar as dificuldades encontradas com a atual escassez dos pescados. Pescarias coletivas estão se extinguindo em Jiribatuba e certamente em outras comunidades da BTS. Faz-se necessário a implementação de políticas voltadas a valoração cultural, a conservação dos estoques pesqueiros e o manejo participativo aliado a pesquisas multidisciplinares.

Palavras-chave: Tecnologia de Pesca; Cultura Pesqueira; História da Pesca.

NARRATIVES OF CRAFT FISHERMEN ON THE CURRENT CHANGES IN THE ESTUARINE FISHERY OF BAHIA DE TODOS OS SANTOS, BAHIA

Abstract: The insertion of fishing technologies and socioeconomic development can transform the fishing culture of traditional communities over the years. This study records how a community of fishers from the Baía de Todos os Santos in Bahia responded to the development progress and the technological changes inserted in the fishing activity. The data were obtained with open and semi-structured interviews with fishermen aged between 35 and 93 years old, from October 2015 to May 2017. Fishermen in Jiribatuba had restrictions on their fishing territories, caused by landfills for road construction in the channels that gave access to fishing grounds. The changes that have occurred over the centuries in fishing materials, the insertion of equipment and the inclusion of motor engines in wooden canoes have provided these fishermen the means to overcome the difficulties faced on the current shortage of fish. Collective fisheries are dying out in Jiribatuba, which must be happening in other BTS communities. It is necessary to implement policies aimed at cultural valuation, conservation of fish and participatory management combined with multidisciplinary research

Keywords: Fishing Technology; Fishing Culture; Fishing History.

INTRODUÇÃO

Pescar é uma prática realizada pela espécie humana desde a sua existência e por muitos séculos sua essência visava à captura de pescados utilizando instrumentos e métodos simples e de baixo impacto sobre os sistemas naturais (DIEGUES, 2004).

A pesca no Brasil com essas características remonta àquelas praticadas por populações indígenas anteriormente ao período colonial, desenvolvida para supri-los de alimento com caráter essencialmente de subsistência (SOUSA, 1971). Com a chegada dos colonizadores europeus a partir de 1501 e dos escravos africanos, a pesca passou a ter outros praticantes e séculos mais tarde, um novo objetivo (comercialização). O encontro étnico e cultural configurou as bases tradicionais da atividade de pesca em todo território brasileiro (OTT, 1944; CÂMARA, 1911; DIEGUES, 1999).

A Baía de Todos os Santos, um grande ecossistema estuarino no estado da Bahia, foi palco das primeiras integrações dos elementos culturais de origem indígena, portuguesa e africana (BANDEIRA e BRITO, 2011). A cultura indígena contribuiu fortemente com os nomes dos pescados, o feitio de canoas e jangadas, as flechas, os arpões e as tapagens; a cultura portuguesa trouxe os anzóis, as velas de pano, pesos de metal, redes de arremessar e de arrastar; os povos africanos trouxeram outro designer para canoa dos índios, e uma variedade de cestos e outros utensílios utilizados para captura de pescados (DIEGUES, 1983; VASCONCELOS, 2011). A caracterização desses materiais na cultura baiana foi descrita nos trabalhos de Câmara (1911) e Ott (1944), que detalharam dezenas de apetrechos e modalidades de pesca utilizados por pescadores em comunidades baianas da Baía de Todos os Santos (BTS). Dentre as pescarias praticadas, o arrasto de calão predominava nas comunidades de pescadores até a década de 1990 (OTT, 1944; SOARES et al., 2009). Com sua eficiência em apanhar centenas de quilos de peixe, organizava-se num contexto social diferenciado, que ultrapassava o simples fato de necessitar de 8 a 10 homens unidos e em sintonia, mas instituía uma relação social baseada na coletividade e liderança, exercida pelos mestres sob os demais pescadores e toda comunidade (CORDELL, 2001; CORREIA, 2007).

Ao longo das décadas, os materiais dos apetrechos evoluíram, e muitos métodos deixaram de ser utilizadas ou sofreram modificações. Por exemplo, o material com que se confeccionavam as redes de arrasto de calão era primariamente feitas com fibras vegetais (CÂMARA, 1911), depois com fibras de algodão torcido (OTT, 1944) e, atualmente, são fabricadas industrialmente com fios de náilon (BANDEIRA e BRITO, 2011).

O mesmo aconteceu com a inserção de novas práticas, como a pesca submarina e a pesca com explosivos, e a inclusões de itens, como motores em embarcações, anteriormente movidas a velas e remos (SOARES et al., 2009).

Tais transformações na pesca baiana aconteceram durante o processo de avanço socioeconômico regional, na década de 1940, o que também veio a representar mudanças para

as comunidades de pescadores (VASCONCELOS, 2011). Nesse período, várias indústrias, fábricas e refinarias instalaram-se no entorno da baía, assim como construções de estradas e pontes, que deram acesso às comunidades que até então só era possível por meio de embarcações (OSÓRIO, 1979). As vilas de pescadores sentiram as primeiras consequências diretas do desenvolvimento econômico da região, tendo áreas de matas, restingas e manguezais destruídas para construção de condomínios e casas de veraneio (ANDRADE et al., 2009).

Décadas mais tarde, problemas ambientais causados pelo escoamento de resíduos sólidos, contaminação química, dentre outras formas de poluição, vieram a contribuir para a atual problemática ambiental presente nas águas da BTS (ANDRADE et al., 2009). As consequências impactantes destas transformações estão registradas em estudos oriundos de análises químicas da água e animais (TAVARES et al., 1988; PORTE et al., 1990; SILVA et al., 1997; NASCIMENTO et al., 2000) e também presentes nas memórias das comunidades de pescadores da BTS. Estas populações reconhecem que a escassez dos pescados seja consequência, dentre outros fatores, da poluição das águas, da histórica pesca predatória e a inserção de novos materiais de pesca (SILVA, 1996; CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS, 2005; CORREIA, 2007; BANDEIRA e BRITO, 2011; ALVES, 2015;). No entanto, pouco se sabe como essas alterações afetou diretamente a cultura da pesca artesanal na BTS.

As experiências vividas e o contato constante dos pescadores com o ambiente se traduzem em percepções que podem fornecer dados fundamentais para o entendimento do processo histórico da cultura da pesca (DIEGUES, 1993; SILVANO, 2004; MINEIRO, 2010; ALVES, 2015). Nesse sentido, o presente estudo buscou entender como a pesca de peixes em uma comunidade tradicional da BTS se modificou frente às novas tecnologias inseridas na pesca e as transformações decorrentes do desenvolvimento socioeconômico da região entre a década de 1940 até 2016.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

O estudo foi realizado na comunidade de Jiribatuba, localizada na porção sudoeste da Ilha de Itaparica, em um grande ecossistema estuarino da Baía de Todos os Santos, região litorânea do Estado da Bahia (Figura 1). Jiribatuba é uma das 173 comunidades tradicionais de pescadores da Baía que utilizam a biodiversidade de peixes, moluscos e crustáceos para alimentação e renda (ANDRADE et al., 2009). Os pescados são capturados no canal da Ilha de Itaparica e nas desembocaduras do Rio Jaguaripe. Ecossistemas estuarinos já são conhecidos como importantes áreas de desova, alimentação e crescimento para inúmeras espécies de peixes marinhos e de água doce (LASIAK, 1981; BLABER et al., 1995; LOUIS et al., 1995), o que torna um ambiente altamente produtivo e de fonte constante de recursos alimentares.

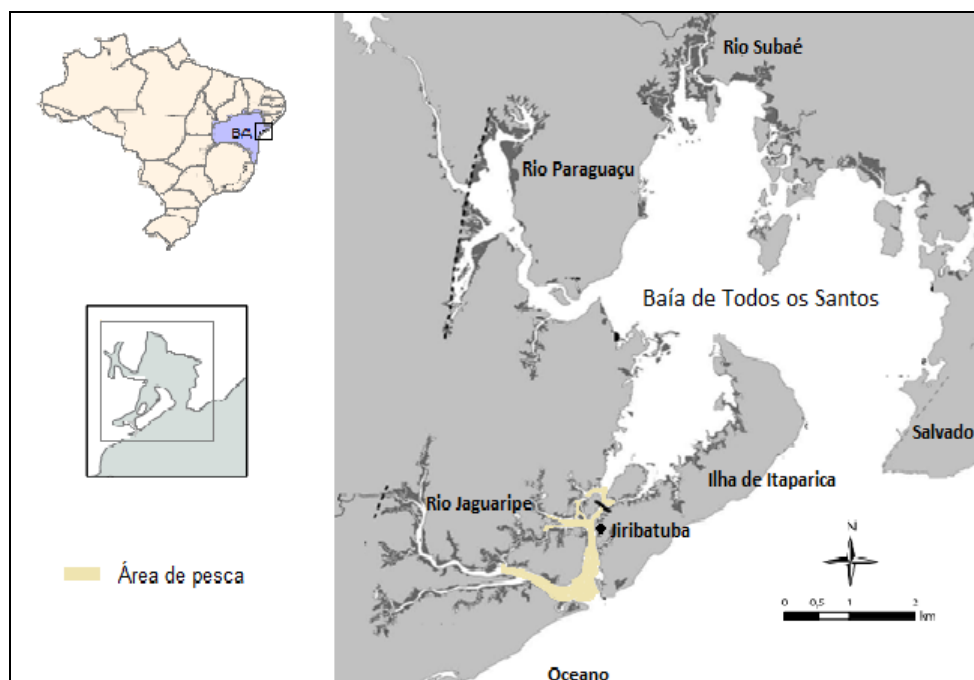


Figura 1. Mapa da Baía de Todos os Santos, incluindo o Rio Jaguaripe e a comunidade de Jiribatuba, localizada na Ilha de Itaparica. Fonte: Modificado de Andrade et al. (2009)

Jiribatuba, anteriormente chamada Santo Amaro do Catu, surgiu no século XVII durante as missões jesuíticas, em 1643 (OSÓRIO, 1979). Em meados do século XIX grande parte dos índios foram exterminados e expulsos do seu território, e década depois, escravos libertos se instalaram e passaram a sobreviver dos recursos animais disponíveis no estuário (CASTELLUCCI JR, 2008a; 2008b). Hoje a comunidade ainda é composta com maioria de pescadores afrodescendentes (VASCONCELOS, 2011), que resistem na profissão enfrentando inúmeras dificuldades, desde aquelas que envolvem as assistências sociais até outras relacionadas com a escassez dos pescados. A escolha da comunidade ocorreu: (i) pelo grande número de pescadores nativos acima de 70 anos, que culminou em importantes fontes estóricas sobre a pesca (ii) a diversidade de modalidades e apetrechos (antigos e recentes) utilizados por pescadores locais, possibilitando entrevistas com especialistas em artes de pesca em processo de extinção nas pescarias baianas (iii) pelo potencial acúmulo de conhecimentos dos pescadores locais, que exploram os recursos há várias gerações.

Coleta de dados sobre a história da pesca de peixes

A coleta de dados foi realizada no período de outubro de 2016 a maio de 2017, após aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CAE 55719416.2.0000.0053), sendo inicialmente obtidos em encontros casuais com 97 moradores, utilizando perguntas abertas visando obter o máximo de informações, terminologia, conceitos locais e categorias temáticas, seguindo o modelo proposto por POSEY (1987). Nos encontros, os moradores indicaram 11 pescadores mais velhos da comunidade, cujas idades

variaram dos 60 aos 93 anos, para retratar as histórias sobre as práticas de pesca e os fatos ocorridos a partir dos anos 1940.

A fim de estabelecer uma melhor relação com os entrevistados, foram realizadas conversas informais antes do início das entrevistas, e oportunamente algumas perguntas-chave eram utilizadas para direcionar aos objetivos da pesquisa, tais como: Como era a pescaria antigamente? Onde se pescava? Quais os tipos de pescarias antigamente? Como era feita? Foram realizadas cinco entrevistas com base em protocolo de entrevista semiestruturada para cada informante indicado (n=11) e registradas com gravador de áudio durante um período entre 50 a 120 minutos. Os dados sobre a antiga atividade de pesca foram digitados, categorizados por temas e inseridos em banco de dados eletrônico.

Coleta de dados sobre as atividades de pesca atual

Para descrever as atividades de pesca em Jiribatuba no contexto atual, foram realizadas 153 observações diretas ao longo de 12 meses, tanto na baixamar e preamar das marés, em pescarias diurnas e noturnas. Para isso, foi utilizada uma embarcação individual (caiaque) para melhor percepção das atividades e do modo como os pescadores interagem com o ambiente.

Entrevistas também foram realizadas com mais 26 pescadores, os quais foram indicados pelos moradores, como os mais experientes em determinadas modalidade ou arte de pesca. A idade média desse conjunto de entrevistados foi de 40 anos, todos moradores de Jiribatuba há pelo menos 30 anos. Perguntas abertas foram realizadas em duas entrevistas, com duração variando entre 48 a 60 minutos.

Registro dos pontos de pesca

A técnica de “turnê guiada” (GRENIER, 1998) foi realizada com cinco informantes-chave, os quais apontaram os principais pontos de pesca e os nomes das localidades reconhecidas por todos os pescadores da comunidade. Os pontos com os nomes foram registrados por GPS (em inglês *global positioning system*), colocados em um mapa da área e impresso nas dimensões 1,50 m x 1,40 m. O mapa foi utilizado para entender as consequências da inserção dos motores nas canoas na pesca utilizando as redes. Este mapa foi apresentado aos pescadores com as seguintes perguntas: (1) Onde você costuma pescar? (2) Existem vantagens entre pescar com motor e pescar com remo e vela? O mesmo mapa foi também apresentado aos pescadores mais velhos para indicarem os pontos de pesca utilizados por eles no passado.

Análise de dados

Os dados foram analisados qualitativamente segundo o modelo de união das diversas competências (HAYS, 1976) e, consideradas, as percepções narradas (ou confirmada) por pelo menos cinco dos onze pescadores idosos. Utilizou-se a técnica da análise do discurso do sujeito

(LEFEVRE e LEFEVRE, 2006), valorizando os aspectos cognitivos e sensitivos dos entrevistados com relação a história da atividade de pesca na comunidade. Os resultados apresentados são “traduções” das narrativas dos sujeitos entrevistados quando eles contextualizavam a pesca artesanal com fatos ocorridos em três períodos históricos, os quais iniciam na década de 1940.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As modalidades e apetrechos existentes entre as décadas de 1940-1970

Método de pesca com grande capacidade de destruição já matava grandes quantidades de peixes em Jiribatuba no início da década de 1940. Todos os pescadores mais velhos afirmaram que a pesca com explosivos era praticada na comunidade nesse período, mas poucos tinham acesso ao material caro e restrito, portanto, poucos eram os pescadores que utilizavam da modalidade de pesca. As narrativas dos pescadores apontam que a inserção dos explosivos se deu pelos veranistas com alto poder econômico, e que pouco a pouco o artefato passou a ser utilizado pelos pescadores nativos. *“Aquele eficiência enchia os olhos do nativo”* (V.A. 87 anos) e contou os diferentes entrevistados essa sua eficiência:

“Antigamente, uma bomba dessa matava uma quantidade que não cabia na canoa. Era uma facha 400 kg de tainha. Imagine aí?” (A.M. 77 anos)

“Quando alguém quemava uma, era peixe, seu menino, era peixe que só via aquele branco boiando” (Z.E. 87 anos)

“A bicha matava meio mundo de peixe” (A.R. 76 anos)

“A bomba matava muito, mas também tinha muito peixe pra matar também, tá entendendo?” (O.L. 93 anos)

A utilização desse artefato na Bahia tem registro para a década de 1935, no município de Madre de Deus (PINTO, 1935). Em Jiribatuba, os pescadores também afirmam sua antiguidade com esta prática, o que coloca em registro a utilização de tal artefato em outra comunidade da BTS, ainda nesse período. Décadas mais tarde, o explosivo, que fascinou os pescadores, veio a ser um dos grandes problemas que passaram a ameaçar os estoques pesqueiros da BTS (SILVA, 1996; CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS, 2005).

Além do uso de explosivos, a *rede de calão* confeccionada com fios de algodão torcidos, era a principal método realizada para a captura de peixes. Os entrevistados afirmaram que aproximadamente 15 redes existiam em Jiribatuba. Os donos dos calões podiam ser pescadores ou não, mas sempre eram aqueles que possuíam melhor condição financeira, pois esses apetrechos eram custosos e nem todos tinham condições de obtê-los. A rede de calão possuía variação de tamanho das malhas ao longo da rede (25-30 mm) e os alvos eram peixes maiores, como afirmou um dos pescadores:

“A gente saía na intensão de pegar peixe grande: sororoca, xaréu, vermelho, um bucado de tipo de peixe graúdo (Z.E. 87 anos).

A pescaria de calão narrada pelos entrevistados organizava-se em um círculo de amizade e companheirismo diferenciado das demais artes de pesca, que veremos adiante. A necessidade da força de no mínimo oito homens faziam dessa pescaria uma prática coletiva e muitas vezes solidária, pois muitos pescadores que não possuíam rede, ou até mesmo uma canoa, podiam participar dos arrastos, como retrata um entrevistado:

“Tinha pescador velho de pescaria, sustentando família, que nunca teve uma canoa, uma rede, mas tava em toda pescaria do calão pegando seu quinhão. E era pescador, viu?!” (A.M. 89 anos).

“Aqui ninguém deixava o outro com fome não. Do calão comia todo mundo” (O.L. 93 anos)

A coletividade no arrasto do calão se desmembrava nas funções que cada integrantes exercia, como retrata um dos entrevistados sobre essa antiga pescaria:

“No arrasto de calão aqui era assim: saía duas canoas remando. Uma canoa levava a rede e a outra, que chama a canoa de socorro, que serve mais pra botar os peixes e levar os moços. Na primeira ia o mestre de calão [...]. Esse fica na proa observando. Ali ele ia vai observando os peixe, onde tão assanhado[...]. É ele que vai dizer que sabe onde vai sortar a rede. O mestre era respeitado, viu! Tinha que respeitar o conhecimento dele! [...] Na hora do lanço saía uma canoa da berada da maré, quase no seco, e vai saindo e vai largando a rede. Isso cercano o peixe. Quando a rede chega na metade é na hora que aparece o capitão (madeira que marca o centro da rede). Chegou no capitão é porque tá na hora de virar e fazer a volta assim. Chegando com a outra ponta da rede em terra, aí pronto, é só puxar[...] Aí vem o abaixador, quando o calão vem chegando, ele vai no meio abaixado ali puxando a rede aqui ó, junto pro peixe não sair (S.Z. 80 anos).

Na Bahia, o arrasto de calão está bem documentado nos trabalhos descritivos de Câmara (1991) e Ott (1944), e também em relatos de pescadores mais velhos em outras comunidades da Ilha de Itaparica (CORREIA, 2007; MINEIRO, 2010; ALVES, 2015). Estes autores constataram as mesmas relações sociais atreladas à tradição dessa modalidade de pesca, onde os mestres de calão constituíam importantes elementos culturais, dotados de conhecimentos e referências sobre os peixes e o mar, instituindo-se líderes dentro de um conjunto que visava à captura e divisão dos produtos (peixes) oriundos do esforço coletivo (Figura 2).



Figura 2. Coletividade na pescaria de calão entre pescadores da comunidade de Baiacu no ano de 1975, na Ilha de Itaparica. Fonte: Luís Pereira (1975).

A fim de apresentar as demais modalidades e apetrechos utilizados por pescadores de Jiribatuba entre 1940 e 1970, a Tabela 1 expõe as características que foram identificadas quando os entrevistados as descreviam durante as entrevistas.

Quando comparadas com os apetrechos descritos por Câmara (1911) e Ott (1944) em outras comunidades da BTS, os pescadores de Jiribatuba utilizavam 16 deles entre as décadas de 1940 e 1970, que também se assemelhavam às mesmas características e aplicações. Os entrevistados retrataram que os apetrechos confeccionados com recursos vegetais, como varas, palhas e cordas necessitavam de um tempo longo para confeccioná-los, e o tempo de vida útil era curto, o que necessitava de cuidados de conservação e substituições constantes.

“Imagine aí, o tempo que levava pra fazer uma camboa. Tirar meio mundo de pau, piaçava. Esperar a maré baixar, fincar os paus, tudo rente. A maré subia, e só depois de esperar a maré vazar outra vez é que ia continuar armando o pau. Era é trabalho. Pior que passava uns mês, tinha que trocar as madeira pôdre” (Z.E. 87 anos)

“Agora também quando dava peixe, dava peixe. Camboeiro antigamente toda maré tinha peixe” (O.L. 93 anos)

Tabela 1. Modalidades e apetrechos de pesca utilizados por pescadores artesanais de Jiribatuba entre 1940 e 1970.

Modalidade	Material utilizado	Aplicação
Arraieiro	Emalhe de fios de algodão com malhas grandes, pedras e boias de cortiça	A rede é colocada totalmente ao fundo de pontos específicos para passagem de arraias. O peso das pedras fixas na parte inferior da rede deve ser suficiente para mantê-la ao fundo. As arraias se prendem pelo “esporão” no momento que encontra a rede e retorna.
Bomba	Dinamite, pólvora	Observam-se os cardumes para o arremesso do material a ser explodido. Peixes curiosos como as tainhas (<i>Mugil ssp.</i>) conferem o que foi arremessado e assim todo o cardume pode ser afetado. Também são arremessadas nos galhos e pesqueiros. Se outros pescadores se aproveitarem dos peixes que boiam após a explosão, esta atitude é chamada de “conssarar”.
Caçoeira	Emalhe de fios de algodão (100 mm), de malhas grandes boias de cortiça pesos de cerâmica.	Caçoeira era um tipo de “rede de fundo”, onde estendia em profundidade visando capturar os peixes de coice, aqueles que nadam contra a correnteza.
Camboa de Rio	Rede de emalhe (30 mm) de fio de algodão; varas; cambitos; e canoa de madeira.	Nas desembocaduras de pequenos rios que sofrem influência dos regimes de marés, são colocadas dezenas de varas separadas por uma distância de dois metros, formando uma estrutura transversal ao fluxo das marés que se estende as zonas mais rasas do manguezal. As redes são dispostas entre as varas na baixamar e na preamar são suspensas e travadas na região inferior com pedaços de madeira chamados “cambitos”. Na baixamar seguinte, os peixes que entraram na preamar são amparados nos emalhes da rede que foram suspensas. A presença das tainhas (<i>Mugil ssp.</i>) requer a estruturação do “salto”, no qual uma outra rede é estendida em todo comprimento da canoa, que nesse caso está localizada oposta e mais alta que o cerco.
Camboa Tapasteiro	Redes, cordas de piaçava (vegetal) e varas resistentes.	Esta modalidade possui o mesmo princípio estrutural da camboa de rio, mas difere porque é armada paralela ao costeiro, na margem formada pelo manguezal, daí ser também conhecida como “tapar o mangue” ou “tapar costeiro”.
Camboa de Pau	Centenas de varas de bambu ou Canabrava (<i>Poacea</i>), cordas de piaçava.	Um labirinto de madeira é construído transversalmente ao fluxo da maré. Na preamar os peixes são conduzidos a percorrer todo o labirinto, começando pela área conhecida como <i>sala</i> e depois o <i>engano</i> . Na baixamar a maioria dos peixes está acumulada no <i>engano</i> e alguns na <i>sala</i> . A prática de retirar peixes da camboa é chamada de “mariscar”.

Tabela 1. Continuação

Modalidade	Material utilizado	Aplicação
Pesqueiro	Galhos de mangue, varas e rede	Os galhos são colocados no centro do círculo formado por algumas varas. A estrutura é armada em áreas que na preamar os galhos ficam submersos e na baixamar ficam totalmente expostos. Os peixes atraídos se juntam durante a preamar, onde são cercados com a rede e recolhidos na baixamar.
Galho	Galhos de mangue	Semelhante ao pesqueiro, mas difere por possuir menor volume; não é cercado por varas e são colocados em áreas rasas para pescaria com uso de redinha de arrasto.
Grozeira	Fio de algodão (linha), pedras, iscas flutuantes e muitos anzóis.	Solta a linha no fundo com as extremidades amarradas com pedras. As iscas ficam fisgadas em vários anzóis que estão presos na linha. o objetivo é capturar os peixes que transitam mais ao fundo.
Muzuá	Cordas, talas de canabrava (Poaceae) e iscas.	Escolhe-se um lugar em que peixes que andam no fundo costumam frequentar. As iscas atraem os peixes para dentro da estrutura similar a uma gaiola, que não conseguem sair.
Pesca Andarilho	Canoas, facho de luz e redes.	Nas noites escuras, pescadores saíam contra a correnteza com os fachos em chamas próximos a proa, as quais atraem os peixes que batem nas redes já erguidas na canoa.
Pesca com veneno	Sumo dos cipós de tingui ou barandi (sapindáceas)	Os sumos são extraídos dos cipós com pancadas, onde são jogados nas cabeceiras dos rios. Os peixes ficam tontos com a toxina da planta e começam a boiar.
Pesca de linha	Canoa, linhas, chumbos, iscas e anzóis	Escolher um lugar conhecido próprio para tal pescaria. Os lugares podem ter um raio de 100 metros quadrados a um metro quadrado exato, conhecido como “poitada”. Se na poitada ocorre uma frequência de uma espécie de peixe, tal área leva o nome do peixe, por exemplo: “poitada de caranha”.
Pescaria de Facho	Facho de folhas secas de pindoba em chamas, facão, bicheiro, canoa de madeira	Anda-se na vazante da maré em noites escuras, paralisando os peixes com as chamas dos fachos e subjugando-os com o facão ou com lanças com duas pontas, conhecidas como “bicheiro”. A canoa é utilizada para colocar os peixes e voltar para o ponto de partida na preamar.
Rede de Calão	Emalhe de fios de algodão torcidos, pedras de cerâmica e cordas de piaçava	Na baixamar, uma canoa com 8 tripulantes solta a rede formando um semicírculo, com abertura voltada para a costa. A rede é puxada até o costeiro por todos os integrantes da pescaria.

Tabela 1. Continuação

Modalidade	Material utilizado	Aplicação
Redinha	Emalhe de fios de algodão com diâmetro de 2 cm, chumbos e corda	Essas redes são usadas por no mínimo dois pescadores, onde são arrastadas em áreas rasas para a pesca de camarão e peixes miúdos.
Tarrafa	Emalhe de fio de ticum, pesos e corda de piaçava	A rede é circular e com pesos nas extremidades. É necessária uma técnica que movimentava o corpo e a rede, onde são jogadas com total abertura sobre os cardumes de peixes.

Apetrechos e modalidades de pesca utilizadas entre 1970 e 1990

No período que precede a década de 1970, algumas modalidades de pesca já haviam desaparecido como a *pesca com veneno* e *andarilho*, enquanto que a *pescaria de facho* teve seu material modificado, passando a iluminar com a queima de substâncias inflamáveis.

Por volta dos anos 1970 houve intensa produção e incentivos governamentais pela utilização da fibra sintética (*nylon*) (NORTHRIDGE, 1991), e está tão logo passou a ser o material utilizado para confecção de redes de pesca, possivelmente devido à durabilidade e custo-benefício (KALSEN e BJARNASON, 1989). Para os pescadores, essas modificações também tiveram implicações:

“O náilon chegou aqui, nem todo mundo sabia labutar. Comprava o rolo e mandava alguém fazer a rede e entralhar. Depois que veio aparecer para comprar o pano já pronto, aí que todo mundo passou a ter mais essa rede [...]. Depois que chegou essa rede, a tainha se lascou mais ainda! [...] Essa rede foi a matança pra tainha! (A. M. 77 anos).

A chegada das redes de *nylon* possibilitou que algumas modalidades de pesca surgissem na região, como as pescarias de *lanço* e *ressa*. Na primeira, a rede media até 200 metros, com uma altura de 2 a 4 metros, com malhas entre 0,25 mm ou 0,30 mm. É também conhecida popularmente como *tainheira*, atribuindo o peixe alvo: *tainha (Mugil spp.)*. A pescaria de *lanço* era realizada com duas canoas e quatro pescadores. As extremidades da rede dispostas em cada canoa fazem um círculo envolto dos cardumes de peixes previamente reconhecidos pelos sinais. Alguns trabalhos que descrevem apetrechos de pesca no Nordeste as classificam como rede de cerco (SOARES et al., 2009) e a técnica como pesca de lancear (MORAES, 2007). No entanto, CARNEIRO e SALES (2011) afirmam que no Nordeste pouco se sabe sobre suas características específicas de operacionalidade da pesca artesanal. No caso dos pescadores artesanais de Jiribatuba, a pesca de *lanço*, nesse período, era realizada semelhante às descrições apresentadas em outras comunidades de pescadores da BTS (SOUTO, 2004; SOARES et al., 2009).

A *Ressa* é realizada com uma rede semelhante à da técnica anterior, com diferença por ser mais alta e com malhas de 35 mm entre os nós. A pesca é feita comumente à noite, em pontos estratégicos que não corram risco de prender a rede, a qual é solta no meio do canal, com

posição transversal ao fluxo da corrente de maré. Por não possuir muitos pesos na região inferior, a rede percorre uma distância que o pescador julgará necessária para ter emalhado os peixes. A rede é puxada da mesma forma que a técnica anterior. A descrição dessa técnica e da rede utilizada possuem descrições semelhantes às aquelas documentadas em comunidades tradicionais da BTS (SOARES et al., 2009).

No final dos anos 1990, outras redes de *nylon* foram confeccionadas e inseridas nas pescarias de Jiribatuba. Estas possuíam malhas menores (15, 20 e 25 mm) e receberam nomes de acordo com os recursos pesqueiros alvos, como: agulheira (*Hemiramphus* sp.), carapicunzeira (*Eucinostomus* sp.), sauneira (*Mugil* spp.) A diminuição das malhas nas redes culminou, provavelmente, o aumento da captura de indivíduos juvenis pelos pescadores de Jiribatuba. A total substituição das redes de algodão por um material com maior resistência ao desgaste e ao tracionamento possibilitou inúmeras vantagens aos pescadores de Jiribatuba (MINEIRO, 2010), desde a facilidade com a confecção e manutenção até a possibilidade de realizar outras modalidades de pesca mais seletivas. Consequências semelhantes foram encontradas com pescadores da Ilha de Sebastião, no litoral paulista (FRANÇA, 1951). Segundo este autor, após a inserção do *nylon* muitas espécies, como a tainha (*Mugil* spp.) passaram a serem mais capturadas.

Os pescadores de Jiribatuba também afirmaram que o *nylon* é prejudicial aos peixes, pois ele “queima” quando entra em contato e os peixes vêm a morrer mesmo que consigam escapar. A mesma percepção foi registrada com pescadores de outras regiões da BTS (MINEIRO, 2010). Este autor sugere que tal fato ocorre pela danificação de estruturas respiratórias quando os peixes ficam presos. Essas redes, quando perdidas, ficam no mar por anos, podendo provocar a morte de diversos animais que ingerem ou se prendem em seus trançados. Este material é o principal responsável pela morte de animais marinhos em todo mundo (BUGONI et al., 2001; REEVES et al., 2003) e com grande participação nas mortandades na BTS (CARVALHO-SOUZA e TINÔCO, 2011). Estudo realizado por Diegues (1983) com pescadores caiçaras, já apontou que as mudanças na base técnica da produção pesqueira artesanal com a substituição do fio de algodão pelo fio sintético de *nylon*, representaram impactos tecnológicos que tiveram fortes reflexos sobre os estoques das diversas espécies.

Restrições dos territórios de pesca entre 1970-1990

No período de 1940 a 1970, alguns pontos de pesca eram mais frequentados pelos pescadores que utilizavam rede de camarão, rede calão, explosivos e pescaria de facho. Na Figura 3, as áreas de pesca marcadas com pontos pretos demonstram que até 1970 os pescadores utilizavam áreas extensas, tanto aquelas próximas à comunidade, mas também percorriam grandes distâncias à procura dos pescados. Afirmaram ainda que nesse período

existisse uma abundância de peixes, havia períodos em que os pescados diminuían nas áreas próximas, o que forçava a buscarem pontos com maiores chances de capturar peixes maiores:

“A pescaria era por aqui por aí tudo, mas ia pescar longe também [...]. Pegar peixe grande que dava muito pro lado de lá (Z. A., 87 anos).

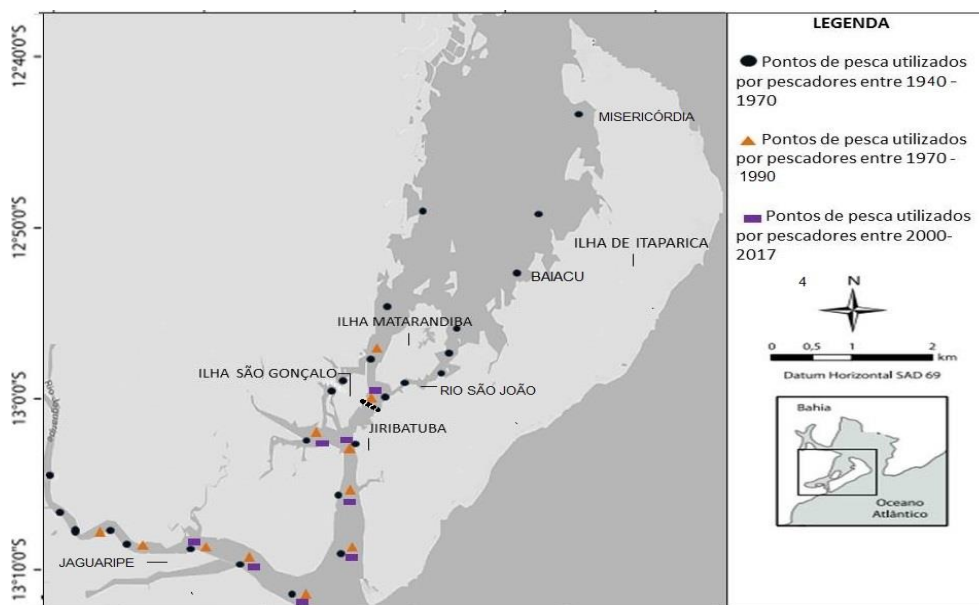


Figura 3. Pontos de pesca frequentados por pescadores de Jiribatuba desde a década de 1940 a 2017.

A construção da Ponte do Funil em 1972 (Figura 4) ligou a região oeste da Ilha de Itaparica ao continente, e para dar seguimento e construção da estrada às outras cidades, foi preciso o aterramento de alguns canais de rios em torno da Ilha (OSÓRIO, 1979). No entanto, a área aterrada era passagem para se chegar a pontos de pesca naquelas imediações:

“Ali era aberto [...] fecharam o canal da Cavunga, atrás da Ilha de São Gonçalo. Por ali já saía no fundo da Ilha de São Gonçalo [...]. Se pescava muito ali também (C. A., 56 anos).



Figura 4. Construção da Ponte do Funil na década de 1970 ligando a Ilha de Itaparica ao continente. Fonte: Jornal A Tarde, 1970.

Na mesma década, uma empresa de extração de sal-gema se instalou na Ilha de Matarandiba (Figura 3) e em meio à construção da estrada, conectaram e aterraram um canal que separava a Ilha de Matarandiba da Ilha de Itaparica (OSÓRIO, 1979). Tal fato influenciou sobremaneira as atividades pesqueiras:

“Quando a maré tava cheia, a canoa passava por ali. Ia pescar de calão, pegar camarão lá em cima. Ali dava muito camarão, caramurum, vermelho, tainha (V.A. 43 anos).

“Depois que fecharam ali, deixemos de ir pro lado de lá (R.I. 85 anos).

“A quantidade de peixe diminui aqui também porque fecharam o Rio São João (Figura 3). Tinha peixe que só descia o canal por ali (S.Z. 70 anos).

Os aterros realizados para construção de estradas, a partir dos anos 1972, impossibilitaram que pontos de pesca pudessem ser utilizados pelos pescadores nos anos seguintes, restringindo o acesso aos seus territórios (Figura 3). Tais intervenções afetaram da mesma maneira outra comunidade (Matarandiba) que dividia o mesmo espaço territorial de pesca (VIEIRA, 2013). Um estudo realizado com pescadores da comunidade de Baiacu, localizada também no Canal de Itaparica, revelou, assim como os pescadores de Jiribatuba, que o declínio dos pescados na região foi percebido após os aterros que impossibilitaram o fluxo de correntes marinhas (ALVES, 2015).

A inauguração do sistema marítimo *ferry boat* em 1972 consolidou a conexão da Ilha de Itaparica com Salvador e outras cidades próximas ao recôncavo baiano (OSÓRIO, 1979). Houve um grande crescimento populacional na Ilha, e muitos imigrantes passaram a sobreviver da pesca, o que representou também o aumento do número de pescadores na comunidade. Do mesmo modo, as rotas marítimas dos saveiros e navios vieram, anos mais tarde, a cair em desuso (VASCONCELOS, 2011), pois deixaram de ser viáveis e deram preferência às vias terrestres (via ponte) e a travessias mais seguras via *ferry boat*. Com estas mudanças, os estaleiros até então ativos na comunidade também foram diminuindo suas atividades. Assim, trabalhos que envolviam o transporte de mercadorias, de pessoas e na construção de saveiros, estavam também cada vez mais escassos em Jiribatuba e em toda Ilha de Itaparica, o que contribuiu para o direcionamento desses trabalhadores para a atividade de pesca, e consequentemente contribuindo para uma sobrepesca.

As embarcações e o deslocamento dos pescadores entre os pontos de pesca nos últimos anos

A canoa utilizada por pescadores de Jiribatuba tinha dois modos tradicionais de propulsão: (1) somente o remo, que ao mesmo tempo em que “chama” a água, é utilizado para direcionar a embarcação; (2) o uso da vela de tecido, acompanhada da “espadela”, que é uma tábua de madeira posicionada na lateral externa da canoa. Esse acessório dá estabilidade à embarcação. A tradição do uso de canoas de madeira nas pescarias baianas é uma herança indígena, misturada

às velas e técnicas portuguesas, somada ao formato de origem africana (SELLING JUNIOR, 1976).

Segundo os entrevistados, estas eram as maneiras como os pescadores se locomoviam na área de pesca até o início do ano 2000. A partir desse ano alguns pescadores adaptaram um motor no fundo das canoas:

“Aqui tinha uns que tinha aquele motor de caldo de cana. O cara adaptou pra colocar hélice no fundo da canoa. Acho que foi aí que a fábrica viu isso aí e fez o motor de rabeta (T.A. 40 anos). Esse motor aí é beleza. Agora ele já vem parece adaptado pra essas canoa” (S.I. 37 anos)

A canoa de madeira ainda é a principal embarcação utilizada por pescadores de peixes na comunidade, existindo 95 canoas ativas (Figura 5). No entanto, 45 dessas estavam com adaptações para motores, que têm como característica atingir maior velocidade do que as formas tradicionais. O último levantamento do IBAMA (2008) apresenta dados estatísticos sobre a frota pesqueira no município de Vera Cruz, apontando o uso das canoas a remo como a principal embarcação utilizada pelos pescadores, mas não registra o uso de canoas de madeira com motores. Estes, no entanto, estão sendo cada vez mais utilizados em Jiribatuba, principalmente por aqueles pescadores que utilizam as redes.

Na percepção dos pescadores entrevistados, a inserção dos motores nas canoas representou vantagens e desvantagens. A maioria das vantagens (90%) apresentadas pelos entrevistados é atribuída à diminuição do esforço físico para o deslocamento nos pontos de pesca, o que para parte deles permite realizar duas pescarias no mesmo dia (70%). Também afirmam que depois que colocaram o motor, eles passaram a ir para pontos mais distantes (60%). Houve também quem comentasse que se leva menos tempo até chegar ao ponto inicialmente escolhido (40%); e que podem se deslocar para outro lugar quando o ponto em que está não for viável para a pescaria. Além disso, muitos pescadores alegaram que podem vencer correntezas ou ventos desfavoráveis (80%).



Figura 5. Canoa de madeira e o tradicional modo de propulsão realizado pelos pescadores de Jiribatuba.

Quanto às desvantagens, os pescadores citaram o custo com manutenção e combustível (90%), além de reconhecerem que ficam acostumados, sedentários, com o uso do motor, bem como o barulho e a vibração dos motores que espantam os peixes (50%).

Verifica-se então que a inserção da nova tecnologia na embarcação é percebida principalmente como redutora do esforço físico, mas, por outro lado, requer custos financeiros. Fica evidente nas percepções dos pescadores que os motores ampliam as possibilidades ao escolherem os pontos de pesca, pois variáveis ambientais (correntezas e ventos) e do espaço (distância e tempo) podem ser desconsideradas em suas tomadas de decisões. Com isso, as restrições impostas pela natureza na atividade de pesca, perde seu papel regulador de exploração de áreas e períodos importantes para o equilíbrio dos estoques pesqueiros, contribuindo para a sobrepesca (DIEGUES, 1988; RAMIRES e BARRELLA, 2003; FUZETTI e CORRÊA, 2009; RAMIRES et al., 2012).

No aspecto das relações sociais vistas em campo, os motores nas canoas proporcionaram a realização de pescarias individuais, em que um único pescador chega a distantes pontos de pesca, arremessa suas redes e as colhe sozinho. Essa individualidade pode estar associada a desvantagem que têm o dono da canoa (do motor e da rede) em ter que dividir os escassos pescados com os tripulantes. Anteriormente a inserção dos motores, estes ajudavam a remar até os distantes pontos de pesca, e atualmente apenas ajudam na soltura e coleta da rede. Consequências com a inserção dos motores foram registradas em comunidades tradicionais paulistas já na década de 1960 (MOURÃO, 1971; SILVA, 1993). Para Mourão (1971), os pescadores paulistas tornaram-se também mais individualistas, e dessa forma cessavam diálogos importantes de uma pescaria coletiva, onde existe um grande fluxo de saberes e experiências entre pescadores, contribuindo para reprodução do conhecimento tradicional local.

A atual atividade de pesca de peixes em Jiribatuba

Hoje, a pesca de peixes em Jiribatuba é realizada essencialmente por homens nativos da comunidade com a maioria acima dos 45 anos de idade; poucos jovens estão envolvidos na atividade e quase nenhuma criança participa das pescarias de peixes. Todos os entrevistados são filhos de pescadores que aprenderam a profissão com os próprios pais, com irmãos mais velhos, amigos ou padrinhos. A pesca apresenta-se essencialmente artesanal, com muitos costumes e tradições semelhantes os registrados em outras comunidades da BTS no século XX (CÂMARA, 1911; OTT, 1944; CORDELL, 1978) e na própria Ilha de Itaparica (OSÓRIO, 1979).

Deste modo, em Jiribatuba ainda são encontradas modalidades de pesca, como camboa de rio, camboa de pau (agora construída com telas plásticas duráveis), pesca de facho, e apetrechos como rede de calão, grozeira, redinha, muzuá, tarrafa (ver descrição na Tabela 1). As observações diretas e as percepções dos pescadores entrevistados mostraram que todas essas

técnicas citadas eram realizadas com intensidade no passado, mas atualmente uma minoria as utiliza (Tabela 2). Tal fato se estabeleceu devido a vários motivos apresentados, dentre os principais, os custos físico e financeiro necessários para construir e mantê-los, como é o caso da Camboa de pau e muzuá, e outras que não compensam atualmente, vistos a atual escassez dos pescados.

Tabela 2. Número de pescadores (NP) que utilizam as modalidades e apetrechos de pesca tradicionais na comunidade de Jiribatuba no ano de 2017.

Modalidades	NP	Apetrechos	NP
Camboa de rio	03	Tarrafa	03
Camboa de Pau	01	Redinha	02
Pesca de facho	10	Grozeira	08
Tapasteiro	06	Caçoeira	00
Andarilho	00	Tainheira	36
Pesca com veneno	00	Sauneira	11
Mergulho livre	12	Carapicuzeira	06
Pesqueiro	11	Agulheira	04
Galho	Indeterminado	Rede de ressa	15
Rede de calão	10	Linha	16
Arraieiro	05	Explosivos	10
Muzuá	06		

Cabe ressaltar o desaparecimento da *pescaria de calão* em Jiribatuba e em outras comunidades da Ilha de Itaparica (ALVES, 2015) que, como mencionado anteriormente, estabelece uma organização liderada pela figura do mestre (o conhecedor da água, dos ventos e dos peixes) que ultrapassa os limites do mar e gera importantes relações sociais em uma comunidade pesqueira. Em Jiribatuba resta apenas um mestre com sua única rede calão, que raramente são lançadas ao mar com seus únicos integrantes. Quando ativa, ainda resistem as tradicionais relações sociais, como a figura de mestre, do abaixador e a divisão por quinhão (Figura 6).



Figura 6. A coletividade existente na pescaria de calão na comunidade de Jiribatuba no ano de 2016.

Nessa comunidade ainda são encontradas demarcações e regras territoriais observadas por Câmara (1911), Ott (1944) e Cordell (1978), como a instalação de pesqueiros e galhos (ver descrição na Tabela 1). Foram contabilizados sete pescadores que possuíam pesqueiros, totalizando 25 estruturas armadas nas margens da comunidade. Por outro lado, não foi possível a contagem da quantidade de galhos, pois ficam submersos e atualmente pertencem a pescadores que usam explosivos. Estes pescadores possuem em média 20 galhos distribuídos na área de pesca o que causa prejuízos aos demais pescadores, pois os galhos prendem suas redes. Por este motivo os entrevistados afirmaram que deixaram de pescar em alguns pontos (Figura 3).

A pesca de linha, tainheira, rede de ressa, mergulho e pesca com explosivos são as mais utilizadas para captura dos pescados, enquanto as demais possuem poucos praticantes. As redes de *nylon* prevalecem entre os apetrechos de pesca e são utilizadas por quase todos os pescadores, os quais, muitas vezes, exercem a atividade de pesca individualmente. Observações diretas revelam que as principais pescarias na comunidade – lanço e ressa – são realizadas frequentemente por dois e até por um só pescador, que chega a puxar 500 m de rede, podendo não emalhar um só peixe. No passado, o lanço era desenvolvido com duas canoas e 4 tripulantes. As mudanças na tecnologia de pesca, aliadas à escassez dos pescados, também pode ter contribuído para pescarias menos coletiva quando comparada às práticas realizadas até os anos década de 1970. Além disso, todos os entrevistados afirmaram possuir mais apetrechos de pesca do que há 20 anos, principalmente somando redes com malhas diferentes e maior comprimento. Quando comparados aos apetrechos utilizados por cada pescador nas décadas de 1940 até 1990, os atuais estão equipados com uma média de quatro variedades de redes, justificando assim ter maior probabilidade para captura de diferentes pescados, cuja abundância diminuta:

“O cara hoje quiser viver da pescaria, se ele tiver só uma rede, ele passa fome. Pode ver aí todo pescador tem três, quatro, cinco redes diferente. É 25, 30, 35, 40 (M.A. 46 anos).

“Se as tainhas grande não tão dando no canal, tem que apelar pra rede de malha menor. Aí você pega carapicum, saúna, cabeçudo. Às vezes eu levo duas redes diferente pra pescar (Z.N. 42 anos).

A diferença na abundância das populações de peixes na região numa escala temporal foi bastante comentada pelos entrevistados:

“Antigamente pescaria boa você pegava 100 a 150 quilos de tainha. Hoje quando eu pego 20 é um sacrifício. E 20 do jeito que tá aí é boa pescaria (J.O. 56 anos)

“Muito peixe que sumiu daqui do canal: esse bejupira, o cação, mero! Peixe grande aqui agora é raro ver” (B.E. 37 anos)

“Bom era quando eu era menino. Qualquer pescaria você tava panhando peixe” (C.E. 56 anos)

“A tainha aqui já deu muito nesse canal! Manta de tainha era pra 100 kg, agora você cerca uma manta, não dá 10 kg [...] Não tem mais manta braba de tainha! (T.AI. 46 anos)

“É uma luta todo dia pra pegar esses peixes” (V.L. 38 anos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escassez dos pescados tem sido uma problemática encontrado em narrativas de muitos pescadores das comunidades tradicionais da Baía de Todos os Santos, do Brasil e do mundo. Em Jiribatuba, as mudanças ocorridas ao longo dos séculos, nos materiais de pesca, na inserção de apetrechos e inclusão de motores nas canoas, vêm suprindo os pescadores de meios para superar as dificuldades encontradas com a atual escassez dos pescados. Ao longo das décadas estes pescadores se apropriaram de tecnologias que modificaram seu dinamismo no espaço pesqueiro e também passaram a utilizar apetrechos com maiores chances de capturar pescados de melhor interesse comercial, como ocorre com o crescente uso dos motores nas canoas e expressiva utilização das tainheiras.

Nessas transformações e disputas pelos escassos pescados, a redução das pescarias coletivas e o aumento da individualidade, vem contribuindo para o desaparecimento de relações sociais e culturais comum em comunidades pesqueiras, o que faz necessário a implementação de políticas voltadas a valoração cultural, conservação dos estoques pesqueiros e o manejo participativo aliado a pesquisas interdisciplinares. O estudo teve acesso às concepções de experiências vivenciadas por pescadores durante as transformações ocorridas na pesca artesanal, revelando fontes importantes de dados históricos para compreender as consequências dos avanços tecnológicos nos materiais e na cultura da pesca artesanal de peixes em comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. S. A pesca artesanal em Baiacu - Vera Cruz (BA): das contradições à produção do espaço. In: Anais do 11º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Presidente Prudente, p. 6004-6013, 2015.

ANDRADE, J. B.; HATJE, V.; BÍCEGO, M. C.; CARVALHO, G. C. Contaminação química. In: Hatje, V.; Andrade, J. B. (Orgs). Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos. Salvador: EDUFBA, p. 244-297, 2009.

BANDEIRA, F. P. S.; BRITO, R. R. C. Comunidades pesqueiras na Baía de Todos os Santos: aspectos históricos e etnoecológicos. In: CAROSO, C.; TAVARES, F.; PEREIRA, C. (Eds). Baía de Todos os Santos: aspectos humanos. Salvador: EDUFBA, p. 291-324, 2011.

BLABER, S. M. J.; BREWER, D. T; SALINI, J. P. Fish communities and the nursery role of the shallow inshore waters of a tropical bay in the Gulf of Carpentaria, Australia. *Estuarine Coastal and Shelf Science* 40: p.177-193, 1995.

BUGONI, L.; KRAUSE, L.; PETRY, M. V. Marine debris and human impacts on sea turtles in southern Brazil. *Marine Pollution Bulletin*, 42, 1330-1334, 2001.

CÂMARA, A. A. Pescas e peixes da Bahia. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1911.

CARNEIRO, P. B. M.; SALLES, R. Caracterização da pescaria com rede de emalhar derivante realizada no município de Fortaleza, Estado do Ceará. *Arquivos de Ciências do Mar*, 44(1), 69-80, 2011.

CARVALHO-SOUZA, G. F. C.; TINÔCO, M. S. Avaliação do lixo marinho em costões rochosos na Baía de Todos os Santos, Bahia, Brasil. *Revista da Gestão Costeira Integrada*, 11(1), 135-143, 2011.

CASTELLUCCI JR, W. Entre veredas e arrabaldes: histórias de escravos na Comarca de Nazaré, Bahia, 1830-1850. *História e Perspectivas*, 39, 261-304, 2008b.

CASTELLUCCI JR, W. Pescadores e roceiros: escravos e forros em Itaparica na segunda metade do século XIX, 1860-1888. São Paulo: Annablume, 2008a.

CENTRO DE RECURSOS AMBIENTAIS (CRA). Análise preliminar de risco à saúde humana: relatório síntese. Salvador: Consórcio BTS Hydros CH2MHILL, Governo do Estado da Bahia, 2005.

CORDELL, J. Carrying capacity analysis of fixed-territorial fishing. *Ethnology*, 17, 1-24, 1978.

CORDELL, J. Marginalidade social e apropriação territorial marítima na Bahia. In: DIEGUES, A.C.S.; MOREIRA, A.C.C. (Orgs.), Espaços e recursos naturais de uso comum, NUPAUB- USP, p. 139-160, São Paulo, SP, Brasil, 2001

CORREIA, M. G. M. Um peixe fora d'água. In: Reunião de Antropologia do Mercosul, 2007, Porto Alegre. Anais da Reunião de Antropologia do Mercosul. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 1, 1-19, 2007.

DIEGUES, A. C. A pesca artesanal no litoral brasileiro: cenários e estratégias para sua sobrevivência. São Paulo: Instituto Oceanográfico, 1988.

DIEGUES, A. C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Revista Etnográfica*, 3(2), 361-375, 1999.

DIEGUES, A. C. Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador, v. 1. São Paulo: HUCITEC/ NUPAUB, 2004.

DIEGUES, A. C. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo: Ática, 1983.

FERREIRA, C. E. L; GONÇALVES, J. E. A. The unique Abrolhos reef formation (Brazil): need for specific management strategy. *Coral Reefs*, v. 18, p. 352, 1999

- FRANÇA, A. A Ilha de Sebastião: um estudo de geografia humana. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951.
- FUZETTI, L.; CORRÊA, M. F. M. Perfil e renda dos pescadores artesanais e das vilas da Ilha do Mel, Paraná – Brasil. *Boletim Instituto de Pesca*, 35(4), 609-621, 2009.
- GRENIER, L. Working with indigenous knowledge: a guide for researchers. Ottawa: International Development Research Centre, 1998.
- HAYS, T. E. An empirical method for the identification of covert categories in ethnobiology. *Am. Ethnol*, 1976.
- IBAMA. Monitoramento da atividade pesqueira no litoral nordestino: Projeto Estatpesca. Tamandaré: Cepene, 2008.
- KALSEN, L.; BJARNASON, B. A. La pesca artesanal con redes de enmalle de deriva. *FAO Documento Técnico de Pesca*, 284, 1-60, 1989.
- LASIAK, T. A. Nursery grounds of juvenile teleosts: evidence from the surf zone of King's beach, Port Elizabeth. *South African Journal of Science*, 77, 388-390, 1981.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. *Interface*, 10(20), 517-524, 2006.
- LOUIS, M.; BOUCHON, C.; BOUCHON-NAVARO, Y. Spatial and temporal variations of mangrove fish assemblages in Martinique (French West Indies). *Hydrobiologia*, 295, 275-284, 1995.
- MINEIRO, E. T. C. Modelagem etnoecológica da pesca artesanal em recifes de coral, Aratuba, Ilha de Itaparica, Bahia. Dissertação (mestrado em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente) – UEFS, 2010.
- MORAES, S. C. Uma arqueologia dos saberes da pesca: Amazônia e Nordeste. Belém: EDUFPA, 2007.
- MOURÃO, F. A. A. Os pescadores do litoral sul de São Paulo: um estudo de sociologia diferencial. 1971. 264 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.
- NASCIMENTO, I. A.; SMITH, D. H.; GOMES, M. G. S.; SANTOS, G. V.; PEREIRA, S. A. Ecotoxicological diagnosis of Aratu Bay, Bahia, Brazil: a new approach to validate a reactive short-term toxicity end-point by comparison with intertidal benthic activity. *Aquatic Ecosystem Health and Management*, 3, 485-497, 2000.
- NORTHRIDGE, S. P. Driftnet fisheries and their impacts on non-target species: a worldwide review. *FAO Fishing Technical Paper*, 320, 1-115, 1991.
- OSÓRIO, U. A Ilha de Itaparica: história e tradição. 4 ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.
- OTT, C. F. Os elementos culturais da pescaria baiana. *Boletim do Museu Nacional*, 4, 1-67, 1944.
- PINTO, O. Pesca ilegal na Bahia de Todos os Santos. *Revista do Museu Paulista*, 8(9), 1935.
- PORTE, C.; BARCELÓ, D.; TAVARES, T. M.; ROCHA, V. C.; ALBAIGÉS, J. The uses of mussel watch and molecular marker concepts in studies of hydrocarbons in a tropical bay (Todos os Santos, Bahia, Brazil). *Archives of Environmental Contamination and Technology*, 19, 263-274, 1990.
- POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (Org.). *Suma etnológica brasileira: etnobiologia*. Petrópolis: Vozes/FINEP, p. 15-25, 1987.

- RAMIRES, M.; BARRELLA, W. Ecologia da pesca artesanal em populações caiçaras da Estação Ecológica de Juréia-Itatins, São Paulo, Brasil. *Interciência*, 28(4), 208-213, 2003.
- RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; ESTEVES, M. A. Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no vale do Ribeira e litoral sul de São Paulo. *Revista Ceciliana*, 4(1), 37-43, 2012.
- REEVES, R. R.; SMITH, B. D.; CRESPO, E.; NOTARBARTOLO, G. Dolphins, whales and porpoises: 2002–2010 Conservation Action Plan for the world's cetaceans. Gland: International Union for the Conservation of Nature, 2003.
- SELLING JUNIOR, T. A Bahia e seus veleiros: uma tradição que desapareceu. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1976.
- SILVA, E. M.; PESO-AGUIAR, M. C.; NAVARRO, M. F. T.; CHASTINET, C. B. A. Impact of petroleum pollution on aquatic coastal ecosystem in Brazil. *Environmental Toxicology and Chemistry*, 16, 112-118, 1997.
- SILVA, J. G. S. Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil. São Paulo: CEMAR/USP, 1993.
- SILVA, S. A. H. Estudos de aspectos etnobiológicos em populações sobre a influência da Petrobras. In: AGUIAR, M. C. P.; ALMEIDA, V. G. (Coords.). Programa de monitoramento dos ecossistemas ao norte da Baía de Todos os Santos. Relatório Técnico Final. Projeto 7. Salvador-Bahia, 1996.
- SILVANO, R. A. M. Pesca artesanal e etnoictiologia. In: BEGOSSI, A. (Ed.). Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia. São Paulo: Hucitec, p. 197-222, 2004.
- SOARES, L. S. H.; SALLE, A. C. R.; LOPEZ, J. P.; MURO, E. Y.; GIANNINI, R. Pesca e produção pesqueira. In: HATJE, V.; ANDRADE, J. B. (Orgs). Baía de Todos os Santos: aspectos oceanográficos. Salvador: EDUFBA, p. 158-206, 2009.
- SOUSA, G. S. Tratado descritivo do Brasil em 1587. 4. ed. São Paulo: Edusp, 1971.
- SOUTO, F. J. B. A ciência que veio da lama. Uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano-manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro-BA. 2004. 319 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- TAVARES, T. M.; ROCHA, V. C.; PORTE, C.; BARCELO, D.; ALBAIGÉS, J. Application of the mussel watch concept in studies of Hydrocarbons, PCBs and DDT in the Brazilian Bay of Todos os Santos, Bahia. *Marine Pollution Bulletin*, 9, 575-578, 1988.
- VASCONCELOS, A. P. Baía de Todos os Santos: uma visão da Geografia Histórica. In: CAROSO, C.; TAVARES, F.; PEREIRA, C. (Orgs.). Baía de Todos os Santos: aspectos humanos. Salvador: EDUFBA, p. 379-398, 2011.
- VIEIRA, T. P. A. Navegação pelos “causos” de Matarandiba: o oral como ressignificação. *Nau Literária*, 9(2), 1-16, 2013.